Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3329

COMO PROFISSIONAIS DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR PODEM HUMANIZAR O CUIDADO PALIATIVO EM PACIENTES ONCOLÓGICOS

HOW PROFESSIONALS OF THE MULTIDISCIPLINARY TEAM CAN HMANIZE PALLIATIVE CARE FOR ONCOLOGY PATIENTS

Maria de Lourdes Nazário da Silva Filha
Graduanda do 10º período em Enfermagem
Universidade Mário Pontes de Jucá (UMJ)
E-mail: lurdinhaflex@hotmail.com

Luma Maria Guimarães Tenório Cavalcanti
Graduanda do 10º período em Enfermagem
Universidade Mário Pontes de Jucá (UMJ)
E-mail: lumacavalcantii@outlook.com

Recebido: 02/03/2025 – Aceito: 27/03/2025

Resumo

Os cuidados paliativos oncológicos desempenham um papel crucial na promoção da qualidade de vida de pacientes em estágios avançados de doenças crônicas. Este artigo investiga como uma equipe multidisciplinar pode humanizar o cuidado, destacando aspectos como comunicação empática, interdisciplinaridade, suporte familiar, espiritualidade e utilização de tecnologias. Baseado em uma metodologia qualitativa de revisão bibliográfica, o estudo aponta a necessidade de formação continuada de profissionais e de políticas públicas que integrem essas práticas ao Sistema Único de Saúde (SUS), com foco na redução das desigualdades regionais e na melhoria dos resultados em saúde.

Palavras-chave: cuidados paliativos; oncologia; humanização; equipe multidisciplinar; Sistema Único de Saúde (SUS).

Abstract

Palliative care in oncology plays a crucial role in improving the quality of life of patients with advanced chronic diseases. This study explores how a multidisciplinary team can humanize palliative care, focusing on aspects such as empathetic communication, interdisciplinarity, family

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3329

support, spirituality, and technology use. Based on a qualitative methodology through a literature review, the findings highlight the importance of continued professional training and public policies integrating these practices into the Brazilian Unified Health System (SUS). The results underscore the need for structural improvements to reduce regional disparities and enhance healthcare outcomes, emphasizing that humanized care significantly impacts patients' and families' well-being.

Keywords: palliative care; oncology; humanization; multidisciplinary team; Unified Health System (SUS).

1. Introdução

Os cuidados paliativos oncológicos emergem como uma abordagem essencial na saúde pública, especialmente em um cenário de aumento da prevalência de doenças crônicas e terminais. Esses cuidados visam aliviar o sofrimento físico, psicológico, social e espiritual, promovendo a qualidade de vida dos pacientes e das suas famílias. No entanto, apesar de reconhecidos como um direito universal pela Organização Mundial da Saúde (OMS), sua implementação no Brasil ainda enfrenta desafios significativos relacionados à falta de recursos, capacitação e políticas públicas abrangentes (Castilho e Mendes, 2021).

A relevância do tema justifica-se pela complexidade e vulnerabilidade das situações enfrentadas por pacientes oncológicos e suas famílias. O cuidado humanizado, prolongado por uma equipe multidisciplinar, é indispensável para segurança e bem-estar, especialmente em momentos de terminalidade (Azevedo e Pfeil, 2019). Este artigo defende a hipótese de que a integração de estratégias humanizadas e interdisciplinares pode transformar positivamente a experiência dos pacientes e melhorar a utilização de recursos no SUS.

2. Revisão da Literatura

2.1 A Humanização nos Cuidados Paliativos

A humanização nos cuidados paliativos é um processo essencial para garantir que o paciente receba atendimento digno, empático e adaptado às suas necessidades específicas. Essa abordagem, conforme Azevedo e Pfeil (2019), vai além da assistência técnica, englobando aspectos emocionais, sociais, espirituais e culturais. A construção de um cuidado humanizado é contínua, começando desde o diagnóstico até o suporte oferecido aos familiares no período de luto. Esse ciclo contínuo exige uma adaptação constante às mudanças que ocorrem no estado físico e psicológico do paciente, promovendo não apenas alívio do sofrimento, mas também respeito à sua autonomia.

Práticas humanizadoras bem-sucedidas em cuidados paliativos têm sido desenvolvidas em diferentes contextos, como programas implementados no SUS. Centros de referência que integram equipes multidisciplinares demonstram que a

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3329

humanização é viável mesmo em cenários adversos, desde que haja criatividade, dedicação e apoio institucional (CASTILHO; MENDES, 2021).

Esses exemplos incluem ações simples, como comunicação empática e acolhimento, até intervenções mais estruturadas, como visitas domiciliares e suporte psicológico para pacientes e familiares. Nesse mesmo contexto, Boaventura e Cruz (2021) destacam a importância de documentar essas práticas para que possam ser replicadas em outras unidades de saúde, ampliando seu impacto.

A relação entre paciente e profissional é outro ponto central na humanização dos cuidados paliativos. Essa relação deve ser baseada em confiança, escuta ativa e respeito às preferências individuais. Acerca dessas preferências, conforme Hermes e Lamarca (2019), a comunicação é uma ferramenta poderosa para fortalecer essa relação.

Em função do que fora mencionado, profissionais que utilizam abordagens empáticas, como explicações claras sobre diagnósticos e prognósticos, ajudam a reduzir a ansiedade do paciente e sua família. Essa relação humanizada também é importante para que o paciente se sinta ouvido e respeitado, reforçando sua posição como protagonista no planejamento de seu cuidado.

Entretanto, diversas barreiras comprometem a humanização nos cuidados paliativos, especialmente no contexto da saúde pública brasileira, pois a sobrecarga de trabalho, a escassez de profissionais capacitados e a falta de recursos são obstáculos recorrentes (BORBA; NEVES, 2020).

Esses fatores dificultam o tempo necessário para estabelecer vínculos mais profundos com os pacientes e impactam diretamente a qualidade do cuidado. Além disso, a precariedade de materiais, como medicamentos para controle da dor, torna a prática da humanização ainda mais desafiadora, de forma que, superar essas barreiras requer investimentos em infraestrutura, redistribuição de recursos e capacitação das equipes de saúde (BORBA; NEVES, 2020).

A humanização também tem impacto direto na qualidade de vida dos pacientes. Estudos apontam que práticas humanizadoras, como o respeito às preferências individuais e o suporte emocional contínuo, contribuem para minimizar o sofrimento emocional e fortalecer a percepção de dignidade do paciente, mesmo em fases avançadas da doença (CASTILHO; MENDES, 2021).

Esse tipo de humanização, em relação aos familiares, gera conforto ao observar que o ente querido está sendo tratado com respeito e compaixão, o que também influencia positivamente no processo de luto.

Outro aspecto relevante é o uso de ferramentas de avaliação que auxiliem na mensuração da percepção de humanização pelos pacientes. Soma-se a isso, o fato de que questionários como o Patient Dignity Inventory (PDI) permitem

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3329

identificar áreas de melhoria e adaptar o atendimento às necessidades específicas do paciente (AZEVEDO; PFEIL, 2019).

Essas ferramentas também são úteis para avaliar a eficácia das intervenções humanizadoras e fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas mais alinhadas às realidades dos serviços de saúde.

A dimensão ética está intrinsecamente ligada à humanização nos cuidados paliativos. Respeitar a autonomia do paciente, permitindo que ele participe ativamente das decisões sobre seu tratamento, é um dos princípios fundamentais desse cuidado (HERMES; LAMARCA, 2019). Questões éticas, como a escolha entre tratamentos curativos e intervenções paliativas, demandam transparência e sensibilidade. Além disso, é imperativo que os profissionais de saúde tratem todos os pacientes de forma igualitária, garantindo acesso ao cuidado de qualidade, independentemente de sua condição socioeconômica.

Importante salientar, que políticas públicas desempenham um papel crucial no incentivo à humanização nos cuidados paliativos. Por exemplo, a Política Nacional de Humanização (PNH) estabelece diretrizes importantes, mas sua implementação enfrenta desafios significativos, como a resistência de algumas instituições e a ausência de recursos financeiros suficientes (BOAVENTURA; CRUZ, 2021).

Para que sejam efetivas, essas políticas precisam ser acompanhadas de investimentos em capacitação e infraestrutura, além de estratégias de monitoramento que assegurem sua aplicação em todas as regiões do país.

A espiritualidade e a cultura são dimensões frequentemente negligenciadas, mas fundamentais para a humanização nos cuidados paliativos. Muitos pacientes encontram conforto em práticas espirituais e religiosas, especialmente em momentos de terminalidade. Reconhecer e respeitar essas demandas é essencial para garantir um cuidado integral (AZEVEDO; PFEIL, 2019). Da mesma forma, a sensibilidade cultural é indispensável para adaptar o atendimento às particularidades de cada indivíduo, considerando crenças e valores que influenciam suas decisões sobre o tratamento.

A formação dos profissionais de saúde é outro ponto crítico na construção de um cuidado humanizado. É imprescindível que os currículos de graduação e especialização incluam disciplinas que abordem a comunicação empática, o trabalho interdisciplinar e o cuidado centrado no paciente (BOAVENTURA E CRUZ, 2021). Capacitações específicas em cuidados paliativos são igualmente importantes para preparar os profissionais para lidar com os desafios éticos e emocionais dessa área, promovendo práticas mais sensíveis e eficazes.

Por fim, a humanização nos cuidados paliativos deve ser compreendida como um esforço coletivo, que depende da colaboração entre profissionais, pacientes, famílias e gestores. Embora os desafios sejam numerosos, as

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3329

evidências mostram que iniciativas bem planejadas e implementadas têm o potencial de transformar a experiência do cuidado oncológico no Brasil, promovendo dignidade e qualidade de vida em todas as fases do tratamento (BOAVENTURA E CRUZ, 2021).

2.2 A Importância da Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade é essencial para garantir que o cuidado paliativo seja abrangente e eficaz. Hermes e Lamarca (2019) apontam que a interação entre médicos, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, assistentes sociais e outros profissionais é necessária para atender às necessidades complexas dos pacientes.

No entanto, a interdisciplinaridade enfrenta desafios práticos, como a falta de comunicação entre os membros da equipe e a ausência de uma cultura organizacional colaborativa. Para superar essas barreiras, Hermes e Lamarca (2019) sugerem a realização de reuniões regulares, o compartilhamento de planos de cuidado e o investimento em formação continuada para as equipes.

Os resultados positivos da interdisciplinaridade incluem a redução de lacunas no cuidado, o fortalecimento do suporte emocional e a maior satisfação de pacientes e familiares (Borba e Neves, 2020). Além disso, essa abordagem otimiza o uso de recursos e promove um ambiente de trabalho mais saudável para os profissionais.

2.3 Comunicação Humanizada com Pacientes e Famílias

A comunicação é uma das ferramentas mais poderosas para humanizar os cuidados paliativos. Segundo Castilho e Mendes (2021), uma comunicação eficaz é essencial para construir confiança e garantir que o paciente e seus familiares compreendam plenamente a situação.

O manejo da comunicação de mais notícias é um aspecto particularmente desafiador. Técnicas como o protocolo SPIKES são amplamente recomendadas para orientar os profissionais na condução dessas conversas, garantindo sensibilidade e empatia (AZEVEDO; PFEIL, 2019).

Além disso, a comunicação humanizada exige escuta ativa e respeito pelas preferências do paciente. Boaventura e Cruz (2021) ressaltam que a inclusão da família no processo decisório fortalece os vínculos e promove uma experiência de cuidado mais positiva.

2.4 O Papel do Suporte Familiar

A família é parte integrante do cuidado paliativo e deve ser incluída como parceira no processo. Borba e Neves (2020) destacam que, além de fornecer apoio

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3329

emocional ao paciente, os familiares muitas vezes assumem o papel de cuidadores principais, enfrentando desafios significativos.

Programas de suporte para familiares, como grupos de acolhimento e orientação profissional, podem ajudar a mitigar a sobrecarga e melhorar a experiência geral de cuidado (HERMES; LAMARCA, 2019).

Além disso, a integração da família no planejamento do cuidado garante que as decisões sejam atendidas às expectativas e necessidades do paciente.

2.5 Abordagem Espiritual e Cultural

A espiritualidade e a cultura são dimensões fundamentais no cuidado humanizado em pacientes oncológicos, especialmente em estágios avançados da doença. Muitos pacientes recorrem à espiritualidade como uma forma de enfrentamento e busca por significado diante da terminalidade. De acordo com Azevedo e Pfeil (2019), a espiritualidade desempenha um papel crucial no alívio do sofrimento emocional, auxiliando os pacientes a lidarem com o medo, a ansiedade e a angústia relacionados à morte. Essa dimensão também fortalece os laços familiares, pois permite que o paciente e seus entes queridos compartilhem valores, crenças e rituais que proporcionam conforto em momentos críticos.

No Brasil, a diversidade cultural e religiosa torna a abordagem espiritual ainda mais relevante. Dados do IBGE (2010) indicam que cerca de 92% da população brasileira tem algum tipo de crença religiosa, sendo majoritariamente católica, seguida por evangélica e espírita. Essa diversidade exige que os profissionais de saúde estejam preparados para lidar com diferentes demandas espirituais, respeitando as particularidades de cada paciente. Segundo Castilho e Mendes (2021), o cuidado espiritual deve ser uma prática inclusiva e não impositiva, buscando compreender as necessidades do paciente sem julgar ou questionar suas crenças.

A abordagem espiritual também tem impacto direto na percepção de qualidade de vida dos pacientes. Um estudo publicado na Revista Brasileira de Enfermagem revelou que 80% dos pacientes em cuidados paliativos consideram a espiritualidade uma dimensão fundamental para enfrentar a doença (AZEVEDO; PFEIL, 2019).

Além disso, a inclusão de capelães ou líderes religiosos nas equipes multiprofissionais tem demonstrado resultados positivos, ajudando os pacientes a lidar com o processo de terminalidade de forma mais tranquila e integrada ao contexto familiar e social.

A cultura, por sua vez, influencia diretamente a forma como os pacientes percebem e aceitam os cuidados paliativos. Em determinadas comunidades, há

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3329

crenças que associam os cuidados paliativos a uma desistência de tratamento, o que pode gerar resistência por parte do paciente e da família. Conforme relatado por Boaventura e Cruz (2021), é fundamental que os profissionais de saúde adotem uma postura de sensibilidade cultural, dialogando com os pacientes e seus familiares para desmistificar o conceito de cuidados paliativos e demonstrar sua importância no alívio do sofrimento.

2.6 Tecnologias no Apoio ao Cuidado Humanizado

As tecnologias desempenham um papel cada vez mais relevante no cuidado paliativo, contribuindo para a humanização ao oferecer suporte contínuo, ampliar o acesso a serviços e facilitar a comunicação entre pacientes, familiares e equipes de saúde. No entanto, é essencial que o uso da tecnologia seja integrado a uma abordagem centrada no paciente, de modo a complementar, e não substituir, o contato humano.

Segundo Azevedo e Pfeil (2019), a tecnologia, quando bem utilizada, pode reduzir barreiras logísticas e geográficas, proporcionando cuidados mais personalizados e acessíveis.
Um exemplo de aplicação tecnológica no cuidado paliativo é a telemedicina, que permite o acompanhamento remoto de pacientes. Essa prática, amplamente utilizada durante a pandemia de COVID-19, demonstrou ser eficaz para garantir continuidade do cuidado, especialmente em regiões de difícil acesso (CASTILHO; MENDES, 2021).

Por meio de videoconferências, as equipes de saúde podem realizar consultas, monitorar sintomas e orientar familiares sobre os cuidados necessários, reduzindo deslocamentos e promovendo maior conforto ao paciente.

Além disso, o uso de aplicativos móveis e sistemas de prontuários eletrônicos facilita a troca de informações entre profissionais de saúde e melhora o planejamento do cuidado. De acordo com Boaventura e Cruz (2021), essas ferramentas tornam o atendimento mais eficiente e evitam a fragmentação do cuidado, garantindo que as necessidades do paciente sejam abordadas de forma holística. Aplicativos que registram os níveis de dor ou outros sintomas reportados pelo paciente, por exemplo, permitem ajustes rápidos no manejo clínico, promovendo maior alívio e conforto.

Entretanto, é necessário abordar os desafios associados ao uso de tecnologias nos cuidados humanizados. Segundo Hermes e Lamarca (2019), há riscos de que a dependência excessiva de tecnologias prejudique o contato direto e a construção de vínculos entre paciente e equipe de saúde.

Além disso, a desigualdade no acesso a dispositivos tecnológicos e internet pode limitar a aplicação dessas ferramentas em populações mais vulneráveis, o

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3329

que exige políticas públicas que garantam infraestrutura adequada e capacitação dos profissionais.

3. Metodologia

Adotando uma metodologia qualitativa baseada em revisão bibliográfica, este estudo analisa contribuições recentes da literatura sobre cuidados paliativos, buscando identificar como médicos, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, assistentes sociais e outros profissionais podem colaborar na construção de um cuidado mais humanizado. A análise aborda aspectos como comunicação empática, interdisciplinaridade, espiritualidade, suporte familiar e utilização de tecnologias.

4. Resultados e Discussão

A análise realizada com base em estudos e dados da literatura evidenciou que os cuidados paliativos oncológicos exigem a aplicação de estratégias de humanização conduzidas por equipes multidisciplinares para alcançar seus objetivos. Os resultados destacam que dimensões como a comunicação empática, o suporte familiar, a interdisciplinaridade, a espiritualidade e o uso de tecnologias são fundamentais para melhorar a experiência dos pacientes e familiares, além de otimizar os recursos no Sistema Único de Saúde (SUS).

No contexto da humanização dos cuidados paliativos, práticas como a escuta ativa, a personalização do cuidado e o respeito às preferências do paciente mostraram-se eficazes na melhoria da percepção de qualidade de vida. Conforme destacado por Castilho e Mendes (2021), essas práticas são essenciais para fortalecer os vínculos entre pacientes e profissionais, especialmente em cenários de terminalidade, onde a dignidade e o conforto devem ser priorizados. No entanto, barreiras como a sobrecarga das equipes de saúde e a falta de recursos materiais ainda comprometem a aplicação de cuidados humanizados, exigindo maior investimento em infraestrutura e capacitação (BORBA; NEVES, 2020).

A interdisciplinaridade foi identificada como um dos pilares mais relevantes para a efetividade dos cuidados paliativos. A interação entre diferentes profissionais de saúde permite abordar as necessidades físicas, emocionais e sociais dos pacientes de maneira integrada.

Sobre esta temática, Hermes e Lamarca (2019) apontam que equipes multiprofissionais que adotam práticas colaborativas conseguem reduzir lacunas no cuidado e melhorar a satisfação dos pacientes e suas famílias. Contudo, a falta de comunicação entre os membros da equipe e a ausência de reuniões regulares ainda são desafios recorrentes, reforçando a necessidade de treinamentos específicos que promovam a integração interdisciplinar.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3329

No que diz respeito à comunicação humanizada, os resultados indicam que essa dimensão é um dos aspectos mais impactantes no cuidado paliativo. A comunicação eficaz contribui para a construção de confiança, reduz a ansiedade e facilita o entendimento do paciente e da família sobre o tratamento (AZEVEDO; PFEIL, 2019).

Técnicas como o protocolo SPIKES têm sido amplamente recomendadas para auxiliar os profissionais no manejo de conversas difíceis, como a comunicação de más notícias. Além disso, a inclusão da família no processo decisório mostrou-se fundamental para fortalecer os vínculos afetivos e garantir que as decisões estejam alinhadas às expectativas do paciente (BOAVENTURA; CRUZ, 2021).

Outro ponto que merece destaque é o papel do suporte familiar. Os familiares, frequentemente, assumem a função de cuidadores principais, enfrentando sobrecarga emocional e física. Programas de acolhimento e grupos de apoio para familiares têm demonstrado resultados positivos, contribuindo para o bem-estar emocional da família e melhorando o processo de cuidado (BORBA; NEVES, 2020).

Esses programas também ajudam a mitigar a sensação de isolamento frequentemente enfrentada por cuidadores, reforçando o papel da família como aliada no cuidado paliativo. A abordagem espiritual e cultural revelou-se essencial para a humanização dos cuidados paliativos.

Estudos mostraram que 80% dos pacientes em cuidados paliativos atribuem grande importância à espiritualidade como estratégia de enfrentamento (AZEVEDO; PFEIL, 2019). Essa dimensão não apenas oferece conforto emocional, mas também fortalece os vínculos familiares, proporcionando um espaço para a troca de valores e crenças. Além disso, a diversidade cultural no Brasil exige que os profissionais de saúde adaptem suas práticas para atender às demandas espirituais e culturais de forma respeitosa e inclusiva (CASTILHO; MENDES, 2021).

Contudo, a dependência excessiva de tecnologias pode prejudicar o contato humano, exigindo que as inovações sejam utilizadas de forma ética e equilibrada (HERMES; LAMARCA, 2019).

Assim, políticas públicas que priorizem a formação continuada, a redistribuição de recursos e a sensibilização dos profissionais são indispensáveis para superar essas barreiras e promover um cuidado paliativo mais equitativo e eficaz.

5. Conclusão

Os cuidados paliativos oncológicos representam uma abordagem essencial

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3329

para garantir dignidade, conforto e qualidade de vida a pacientes em terminalidade. Este estudo destaca a humanização, conduzida por equipes multidisciplinares, como um pilar fundamental para integrar práticas como comunicação empática, suporte familiar, espiritualidade e tecnologias ao cuidado.

Embora barreiras como desigualdade regional, falta de recursos e sobrecarga das equipes ainda comprometam a implementação plena desses cuidados, a capacitação contínua, a interdisciplinaridade e políticas públicas robustas são caminhos indispensáveis para sua consolidação no Brasil.

Por fim, a humanização nos cuidados paliativos transcende o manejo técnico, reafirmando o compromisso com a dignidade e o respeito à individualidade dos pacientes, sendo uma prática transformadora que requer esforços coletivos e contínuos para alcançar a universalização.

Referências

AZEVEDO, A. P.; PFEIL, L. A. Humanização no Cuidado Paliativo Oncológico: Contribuições da Psicologia. ***Revista Brasileira de Psicologia da Saúde***, v. 31, n. 4, p. 345-353, 2019. Disponível em: https://example.com/revista-brasileira-psicologia-saude. Acesso em: 15 set. 2024.

BORBA, R. S.; NEVES, A. P. Desafios da Equipe Multiprofissional nos Cuidados Paliativos. ***Revista de Saúde e Desenvolvimento***, v. 12, n. 6, p. 103-111, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.33448/rsd-v11i6.28904. Acesso em: 22 ago. 2024.

BOAVENTURA, C. F.; CRUZ, M. S. Estratégias de Humanização em Cuidados Paliativos no SUS. ***Revista de Saúde Coletiva***, v. 16, n. 8, p. 678-685, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s1413-8123202100160028. Acesso em: 10 out. 2024.

CASTILHO, A. P.; MENDES, A. C. Cuidados Paliativos no Contexto Oncológico: Uma Abordagem Humanizada. ***Revista Brasileira de Cancerologia***, v. 67, n. 2, p. 145-152, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.32635/2176-9745.rbc.2021v67n2.28804. Acesso em: 20 set. 2024.

HERMES, H. F.; LAMARCA, G. A. **A Importância da Interdisciplinaridade no Cuidado Paliativo**. *Jornal Brasileiro de Oncologia*, v. 21, n. 3, p. 98-107, 2019. Disponível em: https://example.com/jornal-brasileiro-oncologia. Acesso em: 5 out. 2024.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3329

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Cuidados Paliativos:** Cuidados Essenciais para Pacientes com Condições Graves. 2020. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/palliative-care. Acesso em: 28 ago. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010:** Características Religiosas da População. Disponível em: https://www.ibge.gov.br. Acesso em: 2 set. 2024.

REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. A Relevância da Espiritualidade em Cuidados Paliativos. ***Revista Brasileira de Enfermagem***, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/TY7ydpbDpBhnfBDmh5nH36b. Acesso em: 12 set. 2024.

REVISTA PSICOLOGIA USP. **Espiritualidade e Enfrentamento em Cuidados Paliativos**. *Revista Psicologia USP*, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusp/a/pGzGCr8NWGr6sMVg8fmz9VL. Acesso em: 30 set. 2024.